

LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA SOB A ÓTICA DOS PCNS

Aline Diesel¹, Aline Raquel Konrath¹, Francieli Winck¹, Clarice Marlene Hilgemann²

Resumo: Neste breve estudo, realizado por bolsistas do Pibid/Univates, subprojeto Letras, pretende-se analisar a forma como o livro didático aborda conteúdos gramaticais, leitura e produção textual, bem como sua adequação ao que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Médio, na área de Língua Portuguesa. Diante dos objetivos dos PCNs em prezar uma prática voltada para a interação e diversidade de gêneros textuais, serão avaliadas algumas atividades propostas no volume, a fim de constatar a congruência, a abordagem e os PCNs, segundo os quais o estudo da língua materna deve, pela interação verbal, permitir que o aluno desenvolva suas capacidades cognitivas. Após análise, constata-se que a obra é rica em gêneros textuais. No entanto, a abordagem da compreensão textual e dos estudos gramaticais não contempla as orientações dos PCNs e de estudiosos da área da linguagem.

Palavras-chave: Livro didático. PCNs. Língua Portuguesa. Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

É dever de todo professor ter conhecimento das habilidades e competências apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de sua área de atuação. Tratando-se da Língua Portuguesa, o documento apresenta “uma síntese das teorias desenvolvidas nas últimas décadas, sobre o processo de ensino-aprendizagem da língua materna no papel que ele ocupa”. Sabe-se que o ensino da Língua Portuguesa muito tem evoluído no decorrer dos anos. Se hoje se adota o texto como base para o ensino, há alguns anos acreditava-se que o estudo partia da palavra ou da frase.

A leitura e análise de textos ganham relevância na perspectiva do que ora se discute. Não são as frases soltas nem as listas de palavras que vão promover o desenvolvimento de uma competência comunicativa, a qual se desdobra, naturalmente, numa competência gramatical, numa competência lexical, numa competência textual e discursiva. De tanto ver nos textos coisas bem escritas, bem ditas (benditos textos!) e de tanto analisá-las, discutir sobre elas, acabamos por incorporar – pelo menos como parâmetros – esses padrões. Que o foco do ensino seja a reflexão linguística, o pensar sobre a linguagem; centrados na dimensão discursiva e interacional da língua. Daí que, como se tem dito, o texto não é uma opção entre as outras. É a opção (ANTUNES, 2007, p. 101-102).

À luz da teoria bakhtiniana de gêneros discursivos, trabalhar o texto através da prática de leitura e de análise linguística possibilita ao aluno atentar a aspectos importantes que se referem às competências estilística e linguística, acarretando, assim, aprendizagem sobre a heterogeneidade dos discursos. Desta forma, pode-se desenvolver a competência discursiva no ambiente escolar.

Ao longo deste estudo, serão analisadas, sob a ótica dos PCNs, algumas atividades de conteúdo gramatical, de leitura e produção textual propostas em livro didático recomendado pelo

1 Acadêmicas de Letras; Bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, da CAPES – Brasil – Centro Universitário UNIVATES.

2 Coordenadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, da CAPES – Brasil, Subprojeto Letras. Professora do Centro Universitário UNIVATES.

Ministério da Educação (MEC) e adotado na disciplina de Língua Portuguesa de uma escola pública de Ensino Médio do Vale do Taquari – RS. Trata-se de um volume único, intitulado “Português-Linguagens”, da autoria de William Roberto Cereja e Tereza Cochar Magalhães, publicado por Atual Editora, no ano de 2005. O livro contempla as áreas de Literatura, Gramática e Produção Textual.

O ESTUDO DA LÍNGUA PORTUGUESA COM BASE NAS PROPOSTAS INTERATIVAS DOS PCNS

Os PCNs, ao abordarem especificamente a Língua Portuguesa, apresentam um resumo das teorias aplicadas nas últimas décadas em relação ao processo de aprendizagem da língua materna inovada por uma pretensão da reflexão de seu papel na vida e na sociedade considerando a interdisciplinaridade. A Lei de Diretrizes e Bases de 1971 dicotomizou os estudos em Língua e Literatura. Essa divisão

repercutiu na organização curricular: a separação entre gramática, estudos literários e redação. Os livros didáticos, em geral, e mesmo os vestibulares, reproduziram o modelo de divisão. Muitas escolas mantêm professores especialistas para cada tema e há até mesmo aulas específicas como se leitura/literatura, estudos gramaticais e produção de texto não tivessem relação entre si. Presenciamos situações em que o caderno do aluno era assim dividido (PCNs, 2000, p. 16).

Na escola, apesar de se estudar a gramática desde as séries iniciais, muitos alunos concluem o Ensino Médio sem saber aplicar essas regras adequadamente, nem na oralidade tampouco na escrita, o que permite inferir que os estudos gramaticais não fazem sentido para os alunos, talvez por estarem concentrados na aprendizagem terminológica (nomenclatura) da palavra/frase analisada fora do uso e do texto.

Nesta perspectiva, conforme os PCN's, o processo de ensino/aprendizagem de Língua Portuguesa deve se basear na interação língua/linguagem, analisada em uma ação discursiva de constituição do pensamento simbólico, característico de cada aluno em particular e da sociedade de uma maneira geral. Essa concepção permite ao sujeito interagir no seu meio social através da linguagem. Desta forma, o estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreender, interpretar e produzir textos, como também deve englobar a literatura à área da leitura.

Segundo os PCNs, “não há língua divorciada do contexto social vivido. Sendo ela dialógica por princípio, não há como separá-la de sua própria natureza, mesmo em situação escolar”. Entenda-se neste contexto, conforme Bakhtin (1992), diálogo independente se exteriorizado em uma relação com o outro, interiorizado na nossa mente ou escrito. Ele ocorre na linguagem, independente das maneiras de discurso, podendo, inclusive, ser observadas relações dialógicas em produções monológicas. Logo, podemos considerar que qualquer gênero é dialógico:

[...] pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre trabalhos posteriores etc.). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. (BAKHTIN, 1992, p. 123).

Desta forma, utilizando como base o que apregoam os PCNs e, segundo a visão dialógica de linguagem de Bakhtin, é na interação verbal, estabelecida pela língua entre o sujeito falante e os textos, que a palavra, um signo social e ideológico, torna-se real e recebe diferentes sentidos dependendo do contexto e influencia trabalhos posteriores. Portanto, estuda-se a língua através de textos.

Uma vez que a língua deve ser estudada através de textos – o que implica trabalhar diferentes gêneros textuais – a gramática não deveria ser ensinada isoladamente do texto, já que este representaria o contexto social vivido e dialógico, através do qual o leitor se transforma e desenvolve concepções.

Nesse sentido, os PCN's apontam competências que devem ser desenvolvidas e trabalhadas no processo ensino-aprendizagem ao longo do Ensino Médio. A proposta busca aprimorar o conhecimento a fim de haver um aprendizado contínuo e o aperfeiçoamento do aluno como pessoa humana, objetivando a sua formação ética, o desenvolvimento autônomo intelectual e o pensamento crítico com flexibilidade inserido em um espaço novo, em que a Língua Portuguesa tem um cunho interativo.

A interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa. Esse princípio anula qualquer pressuposto que tenta referendar o estudo de uma língua isolada do ato interlocutivo. Semelhante distorção é responsável pelas dificuldades dos alunos em compreender estaticamente a gramática da língua que falam no cotidiano (PCNs, 2000, p.18).

Consequentemente, desenvolver a capacidade de leitura e escrita no aluno é fundamental, pois ela o prepara para um mundo exigente, que necessita indivíduos capazes e qualificados.

O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E A FERRAMENTA “LIVRO DIDÁTICO”

O livro didático é muito adotado nas escolas como um recurso de auxílio ao professor no ensino dos conteúdos didáticos. Entende-se por livro didático “o material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação” (OLIVEIRA et al., 1984, p. 11). Logo, de acordo com o que preconizam os PCNs, considera-se que o livro didático de Língua Portuguesa deveria propor um amplo conhecimento linguístico, apresentando as ações dos alunos embasadas na comunicação, a partir da qual, ele interage socialmente, empregando a língua como ferramenta que o define como pessoa entre pessoas: “A língua compreendida como linguagem que constrói e ‘desconstrói’ significados sociais” (PCNs, 2000, p. 17).

Conforme Silva (2000, p. 16), “a primeira ideia é a de que todo livro é ou pode ser didático, desde que criteriosamente selecionado e criativamente utilizado como recurso de ensino pelo professor; já o seu valor pedagógico se mediará pelo potencial crítico (dos textos) que viesse a ser observado pelo professor”.

Neste sentido, pode-se afirmar que cabe ao professor, consciente de sua função como educador, articular os meios necessários para que a aprendizagem aconteça de forma satisfatória e significativa, avaliando os conteúdos e textos a serem utilizados em sala de aula, a partir das particularidades da turma com que está trabalhando, sua realidade social e econômica e, sobretudo, o objetivo pedagógico que pretende atingir.

Isso significa que, na prática, quando o professor utiliza o livro didático, é necessário que ele contextualize e problematize o tema em estudo, a fim de que o aluno possa compreender as informações nele contidas e relacioná-las com a vida diária, visto que a real função do educador é ser mediador e facilitador entre o tema em discussão e as experiências do aluno, para que este possa relacionar as aprendizagens com o cotidiano.

O trabalho docente é atividade que dá unidade ao binômio ensino-aprendizagem, pelo processo de transmissão-assimilação ativa de conhecimentos, realizando a tarefa de mediação na relação cognitiva entre o aluno e as matérias de estudo (LIBÂNEO, 1994, p. 88).

Dessa forma, além do uso do livro, o professor pode possibilitar aos alunos o contato com diferentes recursos pedagógicos e tecnológicos, tornando a aula mais estimulante e contextualizada. Não se restringindo somente ao livro didático, poderá propiciar um maior envolvimento com materiais e fontes de pesquisa que aproximem o aluno de temas atuais, agregando novos conhecimentos.

Estimula-se o professor, por diferentes meios, a adaptar-se a circunstâncias variáveis, a produzir em situações mutáveis, a substituir procedimentos costumeiros (às vezes repetitivos, às vezes bem-sucedidos) por 'novas' e sempre 'fecundas' formas de promover o trabalho docente. Deseja-se um professor disposto a correr riscos e a investir em sua atualização. Subjacente a todos esses princípios e comportamentos, que visam reinventar a escola, tendo por norte padrões globalmente definidos, está a preocupação com o sucesso, com a eficiência, com a eficácia, com a produtividade, com a competitividade, com a qualidade na educação (entendida segundo os parâmetros vigentes) (MOREIRA E KRAMER, 2007, p. 05).

Desse modo, após explorar um texto interessante no livro, compete ao professor de Língua Portuguesa propor outras atividades não contempladas no volume, que estimulem a aprendizagem de algo inovador e significativo, e tornem o aluno pesquisador e construtor de suas ideias. Essas atividades, de acordo com os PCNs, devem apoiar-se em "propostas interativas língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral".

Não se trata somente de mudar o livro didático, mas também o professor. Que ele use linguagem acessível ao aluno, leve-o à reflexão crítica, à pesquisa e à criatividade. Não há escola somente crítica ou reprodutora; a condição do professor de desenvolver um ensino crítico se dá na medida em que ele reproduz, ao mesmo tempo, ideias e pessoas que ocupam papéis sociais. A maneira com que o farão depende da dinâmica da mudança social e não de sua vontade subjetiva (FARIA, 2002, p.10).

ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS ESTABELECIDAS PELOS PCNS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Com base nos PCN's de Língua Portuguesa, alguns capítulos do livro didático adotado pela escola serão analisados considerando-se as competências estabelecidas nos Parâmetros para verificar se condizem com as propostas de atividades presentes no livro.

O livro didático analisado é adotado pelos professores da Disciplina de Língua Portuguesa de uma escola de Ensino Médio. Foi editado em 2005, em São Paulo. O sumário é dividido em 4 unidades, que representam, na verdade, 4 períodos literários:

- Unidade 1: História Social do Modernismo;
- Unidade 2: A segunda fase do modernismo: Romance de 30;
- Unidade 3: A segunda fase do modernismo: A poesia de 30;
- Unidade 4: A literatura contemporânea.

Estas unidades são divididas em capítulos, contendo textos teóricos sobre o período literário daquela unidade. Ao longo dos capítulos, apresentam um estudo dos escritores, inclusive com fragmentos de textos desses autores. Dos 38 capítulos que compõem a obra, os seguintes abordam única e exclusivamente temas gramaticais:

- Cap. 8: Período composto por subordinação: as orações adjetivas;
- Cap. 14: Período composto por subordinação: as orações subordinadas adverbiais;
- Cap. 17: Período composto por coordenação: as orações coordenadas;
- Cap. 19: Pontuação;
- Cap. 23: Concordância verbal;
- Cap. 26: Concordância nominal;
- Cap. 31: Regência verbal e nominal;
- Cap. 34: Colocação pronominal.

O conteúdo gramatical desses capítulos é introduzido com um texto, e diversos gêneros textuais são apresentados ao longo dos capítulos. Como exemplo, citamos o capítulo 17, em que as orações coordenadas são introduzidas com um cartaz de propaganda do Ministério da Saúde, com os seguintes dizeres: “Pela camisinha não passa nada. Use e Confie.” Outro capítulo traz uma charge, outro a imagem de uma propaganda televisiva etc. Os exercícios gramaticais apresentados ao longo dos referidos capítulos também contemplam vários gêneros textuais: poemas, charges, tiras de jornal, caricaturas, artigos de revista, gráficos extraídos de jornais, entre outros.

Predominantemente, ao longo da obra, encontram-se tiras de histórias em quadrinhos, seguidas de questionamentos sobre algum elemento de gramática. Percebe-se que não ocorre um trabalho efetivo de compreensão de texto, o qual serve de pretexto para a fixação do conteúdo gramatical, sendo ignorada a discussão de implícitos e a interpretação do conteúdo das tirinhas. Isso pode ser verificado na tira de “Luke e Tantra” abaixo, retirada do volume, em que as questões desenvolvidas a partir da tira versam sobre aspectos gramaticais – neste caso, classificação de orações:

Figura 1 – Livro Didático, p. 152 e 153

Exercícios

Leia a tira a seguir e responda às questões 1 e 2.



(Angeli. Luke e Tantra — Sangue bom. São Paulo: Devir/Jacarandá, 2000. p.

152

1. No 1º quadrinho da tira, na fala da personagem Luke, há um período composto. Nesse período, a oração *vendo os meninos bonitos do colégio* é subordinada reduzida. Desenvolva-a e classifique-a.
2. Observe, no 2º quadrinho da tira, a frase dita pela personagem Luke. Trata-se de um período composto de duas orações. Que tipo de relação semântica existe entre elas?

Os exercícios elaborados a partir da tira são todos de natureza gramatical. No enunciado da questão 1, o aluno deve desenvolver e classificar a oração subordinada reduzida “vendo os meninos bonitos do colégio”. Já na questão 2, propõe-se apresentar a relação semântica existente no período composto “É só a gente ficar na nossa que alguma coisa pro nosso lado rola!”

Analisando as questões 1 e 2 da Figura 1, podemos considerar que o livro, em parte, procura ensinar a gramática – neste caso Orações Subordinadas - a partir de textos – a tira -, o que se considera o desafio do professor: descobrir o que incluir em seus programas de estudo da língua, para além da morfologia e sintaxe.

Segundo os PCNs,

As ações escolares são arquitetadas na forma de textos que não “comunicam” ou são interpretados de forma diferente entre educadores e educandos. Há estereótipos educacionais complexos e difíceis de serem rompidos, como no caso do ensino das classificações apriorísticas de termos gramaticais. Nada contra ensiná-las. O problema está em como ensiná-las, em razão do ato comunicativo. A gramática extrapola em muito o conjunto de frases justapostas deslocadas do texto. O texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devendo, portanto, ser objeto também único de análise/síntese (PCNs, 2000, p.18-19).

Em outra parte do livro, é utilizada a mesma metodologia:

Figura 2 - Livro Didático, p.78



A partir da tira da Figura 2 são propostas as seguintes atividades, nas quais podemos verificar mais uma vez que a única questão trabalhada é a gramática, ignorando-se mais uma vez o conteúdo da tira:

a) Nos dois primeiros quadrinhos da tira, há duas orações subordinadas adjetivas. Identifique-as e classifique-as.

b) No 3º quadrinho, a oração *que eu chamo de impasse* é subordinada substantiva ou adjetiva?

Segundo Antunes (2010), “uma palavra solta, uma frase isolada são um peixe fora d’água. O texto é o ambiente natural para qualquer palavra, qualquer frase. Fora do texto, a palavra sufoca, a frase estrebucha e morre”. Da mesma forma que os exercícios a partir da tira de “Luke e Tantra”, as questões acima também carecem de uma interpretação efetiva da tira.

Antes de partir para um estudo gramatical, caberia um aprofundamento do conteúdo abordado pela tira, o que não ocorre nas tiras acima, nas quais se ignora a caracterização e a tipologia dos personagens. Por exemplo: Os exercícios da Figura 1 não analisam o duplo sentido do verbo “rolar”. Já na Figura 2, é desconsiderada a ironia e a malícia implícitas no pensamento de Garfield na frase “E estas são aquelas garras que arranham.” Além disso, a exploração das orações enfoca somente sua classificação, sem uma abordagem do valor de uma oração adjetiva na construção de

um texto. Da mesma forma, não é observada a expressão facial das personagens: a imparcialidade de Garfield e a transformação da fisionomia no rosto de John da primeira para a segunda figura.

O ensino da Língua Portuguesa deve ter como um de seus objetivos que o indivíduo tenha domínio da linguagem verbal e produza textos coesos e coerentes, como também que seja capaz de interpretar textos dos mais diversos tipos e gêneros, de construir argumentos consistentes e de intervir de forma solidária na sociedade. Nestas condições, é necessário estudar a gramática a partir de um texto, no entanto sem esquecer a essência deste, isto é, não basta trabalhar frases isoladas do texto e desconsiderar os demais aspectos do texto, como o seu gênero textual, a forma de abordagem, tipo de linguagem etc., uma vez que, de acordo com os PCNs (2000), o estudo da gramática deve ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos.

Avaliando a diversidade de gêneros e propostas de produção textual do volume em estudo, pode-se concluir que a obra analisada está de acordo com o que rezam os PCNs: há abordagem de diferentes gêneros textuais, há o envolvimento da literatura e ainda a abordagem de produções textuais.

Isso pode ser verificado na Figura 3, transcrita abaixo, na qual o aluno é convidado a produzir uma 'carta argumentativa de reclamação ou de solicitação' direcionando o pensamento dos alunos a partir de temas propostos sobre problemas que atingem grande parte da sociedade. Os alunos são instruídos a discutir estes temas com os colegas e definir o assunto sobre o qual querem redigir a carta. Em seguida, são passadas instruções de como estruturar o texto e observar os elementos que compõem o gênero em questão.

Figura 3 - Livro Didático, p. 170 e 171

Produzindo a carta argumentativa de reclamação ou de solicitação

7. Você já pensou alguma vez nos problemas de sua comunidade? Discuta com os colegas para, juntos, identificarem um problema que vem afligindo diretamente a vocês, estudantes, e que deveria receber maior atenção das autoridades. A seguir relacionamos alguns dos problemas habituais (mas pense em outros, se necessário).

- Ausência de áreas verdes e de lazer no bairro
- Falta de bibliotecas públicas no bairro
- Falta de empregos para jovens
- Falta de vagas nas escolas públicas
- Vagas insuficientes nas universidades públicas
- Cotas nas universidades federais
- Má qualidade dos transportes coletivos ou escolares
- Filas duplas na porta da escola
- Falta de segurança no bairro
- Alto índice de analfabetismo entre os adultos da cidade ou da comunidade
- Inexistência de saneamento básico para todos

Reúna-se com seus colegas de grupo, escolham o tema que gostariam de abordar e escrevam uma carta argumentativa de reclamação e/ou solicitação. Sigam estas instruções:

- a) Discutam o tipo de reclamação ou reivindicação que pretendem fazer e a quem será dirigido o documento.
- b) Considerando esses elementos, escolham o gênero mais adequado: uma carta argumentativa de reclamação ou de solicitação ou uma carta argumentativa de reclamação e solicitação.
- c) Redijam a carta observando a estrutura conveniente, as formas de tratamento adequadas, a apresentação do problema, a reivindicação principal e os argumentos que fundamentam a solicitação.
- d) Revisem o texto de acordo com as orientações do boxe **Avalie sua carta argumentativa de reclamação e/ou de solicitação**, melhorando-a se necessário. Depois passem a carta a limpo, leiam-na para a classe e discutam com o professor a melhor forma de encaminhá-la ao interlocutor.

AVALIE SUA CARTA ARGUMENTATIVA DE RECLAMAÇÃO E/OU DE SOLICITAÇÃO

Observe se a carta apresenta: local e data, vocativo, corpo do texto (assunto), despedida e assinatura; uma reclamação e/ou uma reivindicação; argumentos que expliquem ou fundamentem os motivos da reclamação ou da reivindicação; linguagem e tratamento de acordo com o gênero e o perfil do(s) interlocutor(es).

A atividade da Figura 3 contempla a orientação dos PCNs da Língua Portuguesa, no que diz respeito às competências que os alunos devem alcançar ao concluir o Ensino Médio em relação às diversidades, ao preparo para a cidadania e ao trabalho, visando a um educando como ser humano autônomo crítico e responsável. Nessa perspectiva, o exercício direciona o aluno a desenvolver a linguagem verbal, a construir argumentos consistentes e de intervir de forma solidária e crítica na sociedade.

Da mesma forma, a proposta de produção textual considera uma situação comunicativa, propõe uma discussão ou interação entre alunos, que terão um objetivo e um destinatário definido para sua produção. Assim, de acordo com os PCNs (2000), o aluno interage socialmente utilizando a língua como ferramenta que o define como pessoa entre pessoas.

Também, na atividade da Figura 4, os alunos opinam e debatem sobre o tema “preconceito”, através do qual são instigados a produzir um texto dissertativo-argumentativo. Inicialmente, são apresentados questionamentos sobre o tema e dois textos sobre o assunto, o primeiro intitulado “O Novo Caipira”, de Xico Graziano, e o segundo texto, “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, é retirado do livro de Marcos Bagno, *Preconceito Linguístico: O que é como se faz*. Ambos fazem alusão ao preconceito linguístico, utilizando, para isso, o exemplo de personagens como Jeca Tatuzinho, de Monteiro Lobato, e Chico Bento, de Maurício de Sousa. Dessa forma, contempla o respeito à diversidade linguística tão apregoado pelos PCNs.

Figura 4 - Livro Didático, p. 291



A partir das leituras do texto, conforme a Figura 5, é sugerida uma reflexão a respeito e, após, a produção de um texto dissertativo-argumentativo sobre o assunto.

Figura 5 - Livro Didático, p. 292 e 293

O painel contém as seguintes seções:

- Opinando e debatendo:** Um texto que pergunta se o leitor acha o tema interessante e sugere uma discussão em sala de aula. Abaixo, há uma lista de questões orientadoras:
 - As festas juninas ou caipiras estigmatizam o homem do campo?
 - O que é "falar errado"? É certo "falar errado"?
 - Atrás do preconceito linguístico está um preconceito "maior", como o social ou o regional?
 - As variedades linguísticas diferentes da variedade padrão constituem riqueza ou pobreza para a língua?
- Produzindo o texto escrito:** Um texto que orienta o planejamento da produção do texto dissertativo-argumentativo. Abaixo, há instruções numeradas:
 - Pense em seus leitores. Seu texto poderá ser divulgado no mural ou no jornal de sua escola, num *blog* ou num fórum de debates da Internet, cujos leitores são, na maioria, jovens como você.
 - Organize o texto em parágrafos. Você pode apresentar a idéia principal (a tese) no 1º ou 2º parágrafo e, nos parágrafos seguintes, os argumentos que a fundamentam. No último parágrafo deve constar a conclusão. Outra possibilidade é estruturar o texto em um esquema, como, por exemplo:
 - Tese:
 - Desenvolvimento:
 - 1º argumento:
 - 2º argumento:
 - 3º argumento:
 - Conclusão:

À direita do painel, há um box com o título "AVALIE SEU TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO". O texto dentro do box orienta o leitor a observar se seu texto apresenta três partes essenciais: introdução (com a tese ou idéia central), desenvolvimento e conclusão; se no desenvolvimento os argumentos fundamentam devidamente o ponto de vista, estabelecendo relações de causa e efeito ou apoiando-se em comparações, depoimentos ou citações de pessoas especializadas no assunto, dados estatísticos, pesquisas, alusões históricas, etc.; se a linguagem empregada está adequada ao gênero, ao público e à situação.

Nestas propostas, os alunos são estimulados a debater oralmente, a expressar suas ideias, pesquisar sobre temas sociais e do cotidiano, reafirmando mais uma vez, o contexto histórico social e cultural disposto nos pilares fundamentais da educação nacional.

O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem visto como um texto que constrói textos (PCNs, 2002, p. 18).

Isso, do ponto de vista dos PCNs, enfatiza a natureza social e interativa da língua, a qual deve ser considerada no processo ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já mencionado anteriormente, o livro analisado não é uma apostila a ser seguida do início ao fim, mas é um suporte ao professor. Para uma aula interessante e significativa, ele pode complementar com outros gêneros textuais oriundos de outras fontes, como, por exemplo, de jornais, revistas e mesmo de textos produzidos pelos próprios alunos.

A análise dos capítulos apresentados permite constatar que o estudo dos conteúdos gramaticais é baseado em textos que servem de pretexto para o estudo da norma e da nomenclatura/classificação gramatical, isto é, o livro centra-se em estudos gramaticais muito voltados para a nomenclatura. Já quanto à produção textual e à diversidade de gêneros, a obra contempla várias orientações dos PCNs.

Qualquer carência observada em livro didático deve ser suprida no planejamento diário dos professores, que devem complementar as suas aulas com textos de diversos gêneros, provenientes de várias fontes. A criatividade e competência dos professores, aliada ao livro didático, jamais o substituindo, é que tornará as aulas de Língua Portuguesa produtivas para os alunos e professores.

Entende-se que, cada grupo de alunos é particular, tem suas características próprias, e cabe ao professor direcionar os estudos, seguindo os princípios dos PCNs. A responsabilidade é única e exclusiva do professor, que, segundo Antunes (2004), precisa conquistar sua autonomia didática, buscando aperfeiçoamento constante.

O professor de português precisa ter a competência suficiente que lhe confira a autonomia necessária a condução do seu trabalho [...]. A autonomia não significa individualismo, isolamento ou auto-suficiência. Significa que o professor esteja seguro de como deve ser seu trabalho, para que não fique ao sabor dos ventos, que vêm de lá e de cá (ANTUNES, 2004, p. 171).

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2004.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de língua sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português linguagens**. 5. ed. São Paulo: Editora Atual, 2005.

FARIA, Ana Lucia G. de. **Ideologia no livro didático**. São Paulo: Cortez, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2. ed. Campinas/SP: Pontes, 1996.

Lei de Diretrizes e Bases – LDB. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 03 abr. 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. KRAMER, Sonia. **Contemporaneidade, educação e tecnologia**. Disponível em : <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 03 abr. 2012.

OLIVEIRA, João Batista Araújo; GUIMARÃES, Sônia Dantas Pinto; BOMÉNY, Helena Maria Bousquet. **A política do livro didático**. São Paulo: Summus. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1984.

SILVA, Rafael Moreira da. **Textos didáticos: crítica e expectativa**. Campinas: Alinea, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília. MEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2012.